

Propriedades pragmáticas do dativo ético no português brasileiro: uma análise minimalista

Pragmatic properties of the ethical dative in Brazilian Portuguese:
a minimalist analysis

Bárbara Guimarães Rocha*

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar as características pragmáticas do dativo ético em português brasileiro (PB) numa perspectiva minimalista (Chomsky, 1995 e trabalhos subsequentes). O dativo ético é necessariamente um clítico de 1ª pessoa, ou seja, é um participante do discurso (falante). Esse clítico é concatenado acima do VP, ou seja, ocorre imediatamente antes do verbo, e é interpretado como “afetado” ou “relacionado” de alguma forma ao evento descrito pelo verbo. O dativo ético no PB ocorre preferencialmente em contextos de força ilocucionária imperativa ou exclamativa, mas pode aparecer em sentenças declarativas. Observando as características pragmáticas do dativo ético, proponho que este seja licenciado sintática e semanticamente por um núcleo funcional Aplicativo, que transmite a interpretação semântica de “afetação” ou “ancoragem” através da operação Identificação do Evento, conforme descrito por Pylkkänen (2002); e seja pragmaticamente licenciado por um núcleo funcional Participante, que relaciona o clítico à sua interpretação pragmática através de uma operação de pressuposição. Assim, este artigo mostra que a interação entre as características sintáticas, semânticas e pragmáticas através das operações mínimas MERGE e AGREE torna possível analisar o dativo ético em uma perspectiva minimalista.

Palavras-chave: dativo ético; estrutura argumental; aplicativos; minimalismo; sintaxe formal.

Abstract

The aim of this paper is to analyze the pragmatic features of the ethical dative in Brazilian Portuguese (BP) from a minimalist perspective (Chomsky, 1995 and subsequent work). The ethical dative is necessarily a 1st person clitic, i.e. it is a participant

*Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, POSLIN. Faculdade de Letras, FALE. *E-mail:* rocha.barbara@icloud.com. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-1731-7082>.

Agradeço à profa. Jânia Martins Ramos por orientar a dissertação que originou esse trabalho. Agradeço também ao prof. Aroldo Leal de Andrade, por me introduzir ao mundo da estrutura informacional e da pragmática, e por suas inestimáveis contribuições. Agradeço ao prof. Fábio Bonfim Duarte, por suas observações sobre a natureza sintática do dativo ético. Agradeço imensamente aos três pareceristas, por suas excelentes sugestões e questionamentos. Por fim, agradeço à CAPES, pelo financiamento do meu trabalho.

in the discourse (speaker). This clitic is merged above the VP, that is, it occurs immediately before the verb and is interpreted as in some way “affected by” or “related to” the event described by the verb. The ethical dative in BP occurs preferentially in contexts of imperative or exclamative illocutionary force but can appear in declarative sentences. Looking at the pragmatic features of the ethical dative, I propose that it is syntactically and semantically licensed by an Applicative functional head, which conveys the semantic interpretation of “affectation” or “anchorage” through the Event Identification operation, as described by Pylkkänen (2002); and it is pragmatically licensed by a Participant functional head, which relates the clitic to its pragmatic interpretation through a presupposition operation. Thus, this paper shows that the interaction between syntactic, semantic and pragmatic features through the minimal operations MERGE and AGREE makes it possible to analyze the ethical dative from a minimalist perspective.

Keywords: ethical dative; argument structure; applicatives; minimalism; formal syntax.

1 Introdução¹

O objetivo deste trabalho é analisar as propriedades do dativo ético no PB em um panorama minimalista (Chomsky, 1995 e trabalhos subsequentes). O dativo ético consiste em um clítico de 1ª pessoa que ocorre imediatamente antes do verbo e é interpretado como um participante do discurso (falante) que é de alguma forma “afetado” ou “relacionado” ao evento descrito pelo verbo. O clítico ocorre preferencialmente² em sentenças com forte força ilocucionária, tais como imperativas (i) e exclamativas (ii). O dativo ético pode aparecer também em declarativas (iii).

(i) IMPERATIVAS

- a. Não **me** fique grávida!
- b. Vocês não **me** copiem o texto todo não!
- c. Vê se a Bruninha **me** escova os dentes direito!
- d. Você **me** faz esse dever de casa agora!

(ii) EXCLAMATIVAS

- a. Como que o sasha (*sic*) **me** perde esse gol?

(iii) DECLARATIVAS

- a. Essa menina ali, ela **me** dança de um jeito tão bonitinho!
- b. Ele sempre **te** saiu um grande mentiroso.
- c. Tenho certeza de que você vai **me** ganhar esse torneio.

¹Dois falantes do mineirês com alta escolaridade foram consultados quanto a julgamentos de gramaticalidade e interpretação dos enunciados que constam desse trabalho. Outros dialetos merecem ser investigados em pesquisas futuras.

²Um dos pareceristas discorda da observação que o dativo ético ocorre preferencialmente em contextos de imperativas e exclamativas. De fato, o dativo ocorre em contextos de sentenças declarativas com naturalidade, em pelo menos alguns dialetos. Minha afirmação se dá pela minha própria experiência com essas construções, que ocorrem preferencialmente nesses contextos que eu chamei de “força ilocucionária forte”. Pode ser interessante notar que estou localizada em Minas Gerais, onde o dativo *me* parece ser mais comum em imperativas e exclamativas.

O presente artigo se baseia nos fundamentos do Programa Minimalista (Chomsky, 1995), e nas propostas do núcleo VOICE (Kratzer, 1996) e do núcleo Aplicativo (Pylkkänen, 2002). Minha proposta é relacionar as interpretações semânticas e pragmáticas do dativo ético com suas propriedades sintáticas, e propor uma derivação dessa construção no português brasileiro. O artigo também se baseia no trabalho de Bastos-Gee (2014) sobre construções éticas no português brasileiro.

Este artigo está organizado da seguinte forma: a seção 2 apresenta uma análise dos dados em (i)-(iii). A seção 3 apresenta uma análise mais aprofundada dos dados e uma proposta minimalista tentativa do licenciamento do dativo ético no processo de sua derivação. A seção 4 apresenta as considerações finais.

Na próxima seção, retomo e considero sentenças como (i)-(iii) acima em seu contexto de enunciação, a fim de buscar, através da identificação de suas propriedades, uma abordagem tentativa para o licenciamento e representação do dativo ético em uma perspectiva minimalista.

2 Os dados

Como visto anteriormente, o dativo ético pode ocorrer em diferentes contextos. Nesta seção, analiso os dados em (i)-(iii), repetidos abaixo em seu contexto de enunciação e tento capturar suas propriedades semânticas, pragmáticas, e sintáticas.

2.1 Imperativas

O dativo ético é encontrado comumente em contextos imperativos no PB falado.

Contexto: a filha está saindo com o namorado e se despedindo de sua mãe.

- (1) A: Se cuida, e não me fique grávida!
B: Tá bom, mãe, tchau.

Este diálogo ilustra a definição de Bechara (2009, p. 350) do dativo ético como “uma variedade do [dativo de interesse], muito comum na linguagem da conversação, e representa aquele pelo qual o falante tenta captar a benevolência do seu interlocutor na execução de um desejo”. A mãe faz um pedido (ou talvez uma sugestão ou ameaça, dependendo da entonação) para a filha e, presumivelmente, a presença do clítico *me* reforça a ideia de que a mãe será, de alguma forma, afetada pelo evento *ficar grávida* (vai ter que ajudar a cuidar, por exemplo).

Em um contexto distinto, no qual a mãe está realmente solicitando a gravidez de sua filha, a versão não negada desta sentença não é bem aceita.

- (2) A: Eu queria tanto um netinho. ??Você **me** fique grávida!

Essa sentença não soa natural. Um falante de mineirês interpretou essa sentença como “jocosa”. Uma versão na forma subjuntivo + infinitivo desse ato diretivo também não soa natural.

- (3) A: Eu queria tanto um netinho, você (bem que) podia (***me**) ficar grávida.

Outro caso de imperativa com negação pode ser encontrado a seguir.

Contexto: a professora está contando para sua amiga um fato que ocorreu em uma aula.

- (4) A: Eu tava dando uma aula. Aí eu virei pros meninos e falei assim, a atividade era pra copiar só a resposta da atividade, aí eu virei pra eles e falei assim, *cês num **me** copiem o texto todo não.*

Neste caso, não há conexão explícita entre o evento *alunos copiarem o texto todo* e a *professora*. Neste contexto, o imperativo indica uma sugestão para os *alunos*. Mesmo assim, pode ocorrer o dativo ético.

Por que o dativo ético pode ocorrer em um contexto em que não parece haver uma relação entre o falante e o evento descrito pelo verbo? Uma hipótese possível seria assumir que o dativo ético é um “elemento alocutivo”, através do qual o falante é codificado morfossintaticamente na frase. Afinal, como apontado por Han (2000), o fato de que a fonte da obrigação ou permissão expressa pelo imperativo é o falante é uma parte essencial do significado das imperativas. Parece plausível que algumas línguas encontrem maneiras de expressar esta propriedade de “ancoragem no falante”.

Esta propriedade de ancoragem pode explicar outras estruturas imperativas com o dativo ético.

Contexto: a mãe está instruindo a babá.

- (5) A: Então, Luiza, depois do jantar você vê se a Bruninha **me** escova os dentes direito.

Esta estrutura pode ser interpretada como uma imperativa indireta: o falante (*mãe*) expressa uma obrigação para a *babá* de *fazer a filha* (que não é uma participante do discurso) *escovar seus dentes direito*. É interessante notar a posição do clítico logo antes do verbo *escovar*, que toma um DP pleno de 3ª pessoa, e não contíguo ao verbo imperativo que toma o pronome de 2ª pessoa *você*.

- (6) A: Então, Luiza, depois do jantar você (?**me**) vê se a Bruninha escova os dentes direito.

O contraste entre (5) e (6) poderia ser explicado pelas características do verbo ao qual o dativo ético é adjungido. Neste contexto, o verbo *ver* tem um aspecto diretivo “leve”, indicando algo como “fazer X acontecer”, ou “assegurar que X aconteça”, enquanto o verbo *escovar* se refere ao evento predicado ao qual os argumentos e participantes do discurso se relacionarão. Ou seja, o dativo ético parece estar relacionado ao evento e à força ilocucionária, e não a propriedades como tempo/modo/aspecto.

Finalmente, há exemplos de dativo ético que ocorrem no que Rivero (1994) chama de IMPERATIVAS VERDADEIRAS.

Contexto: a criança está procrastinando o dever de casa.

- (7) A: Você **me** faz esse dever de casa agora (ou o chinelo vai cantar)!

A versão negada dessa sentença parece ser interpretada ironicamente.

- (8) A: Você não **me** faz esse dever não (pra você ver)!

Mais uma vez, nesse contexto, o dativo ético parece ser uma estratégia do falante de demonstrar envolvimento com o evento e possivelmente, como afirma Bechara, reforçar o seu pedido/ordem/sugestão/ameaça.

O dativo ético é compatível com imperativas, mas e quanto às *deônticas* — uma categoria relacionada às imperativas, mas na qual a fonte da obrigação não é necessariamente o falante, mas pode advir de algum conjunto de regras ou obrigações? Aparentemente o dativo ético é restrito nesses contextos³.

- (9) A: Você tem que **me** fazer esse dever de casa hoje ainda, moleque.
a. A professora mandou.
b. Eu tô mandando.

- (10) Você devia (***me**) fazer esse dever de casa hoje ainda.

- (11) Você pode (***me**) fazer o dever de casa amanhã.

- (12) Você não pode (***me**) fazer o dever de casa amanhã.

Apenas o contexto de obrigatoriedade *tem que* permite a presença do dativo ético, e não parece interferir no acarretamento da fonte da obrigação.

Nesta subseção, mostrei que o dativo ético pode ocorrer em imperativas como um argumento relacionado ao evento descrito pelo verbo, ou como um “elemento alocutivo” que ancora a sentença ao falante. Na próxima subseção, analiso o dativo ético no contexto das exclamativas.

2.2 Exclamativas

O dativo ético pode ocorrer em algumas frases exclamativas, tais como o exemplo abaixo⁴:

- (13) A: como que o sasha me perde esse gol, vc eh o atacante, teu papel eh mandar essas bolas pra dentro.

Essa sentença exprime uma surpresa do falante quanto ao fato que acabou de ocorrer. O esperado era que o jogador acertasse o gol ao invés de chutar para fora. Essa expressão de surpresa está relacionada à propriedade de *implicatura escalar* em exclamativas (Zanuttini; Portner, 2003). Por ser um torcedor de futebol, o falante se sente investido no evento e, suponho, manifesta sua contrariedade e surpresa através do dativo ético. Assim como nos exemplos anteriores com imperativas, também em exclamativas o falante parece utilizar o dativo ético para manifestar sua relação com o evento de alguma forma.

³Esta restrição parece estar relacionada a uma aparente incompatibilidade do dativo ético com verbos no infinitivo. Entretanto, como apresento na seção 3, Jouitteau e Rezac (2008, p. 103) apontam que o dativo ético parece ser independente do sistema C/Modo.

⁴A sentença em (13) foi postada em um fórum de discussões sobre futebol na rede social Reddit, em uma discussão sobre uma partida de futebol em andamento. No momento da enunciação, um jogador finalizou para fora do gol. A sentença foi reproduzida *ipsis litteris* no exemplo em questão.

Cunha (2012), em sua análise das exclamativas no PB, nota que a construção *WH-como* + *COMP-que* só pode ocorrer em interrogativas; a presença do complementizador é barrada em sentenças não interrogativas (ou resulta em uma interpretação não exclamativa).

- (14) a. *Como que o João fez um gol (tão) lindo!
 b. Como o João fez um gol (*tão) lindo!
- (15) #Como o João fez um gol (tão) lindo?
(Observação: é uma pergunta, e não uma exclamativa)
- (16) Como que o João fez um gol (tão) lindo?
(Observação: a presença do advérbio melhora a aceitabilidade da sentença)

O dativo ético parece não ser muito bem aceito em sentenças exclamativas-*WH* não interrogativas com *como* sem complementizador *que*.

- (17) a. Como o João (*me) fez um gol (?tão) lindo!
 b. Como ela (*me) leu rápido aquele livro!

Nesta subseção, mostrei que o dativo ético pode ocorrer em alguns contextos exclamativos e transmite uma relação de “experienciador” entre o falante e o evento descrito pelo verbo. Na próxima subseção, analiso o dativo ético no contexto das declarativas.

2.3 Declarativas

O dativo ético pode também ocorrer em sentenças ostensivamente declarativas, mas que exprimem algum tipo de força exclamativa.

Contexto: duas amigas estão assistindo a uma apresentação de balé em uma escola.

- (18) A: Essa menina ali, ela **me** dança de um jeito tão bonitinho!
 B: É uma gracinha mesmo!

A sentença A apresenta propriedades exclamativas como a implicatura escalar (manifestada pelo advérbio *tão*) e a facticidade.

- (19) #Ela não está dançando.

Mais uma vez, o dativo ético parece exprimir uma relação de “afetação” ou “experienciador” com o evento: o sentido de (18A) seria algo como “eu acho tão bonitinho o jeito como ela dança”. O dativo ético funciona, então, assim como nas imperativas, como uma “partícula alocutiva” pela qual o falante estabelece uma relação com o evento.

Considere outro exemplo de construção declarativa em que ocorre um dativo com interpretação de afetação do falante com o evento.

Contexto: o pai está conversando com o filho que vai participar de um torneio de xadrez.

- (20) Tenho certeza de que você vai **me** ganhar esse torneio.

Nesse contexto, o pai está investido na possível conquista do filho, estabelecendo assim uma relação com o evento. Essa relação não é de surpresa nem contrariedade, mas uma espécie de afetação psicológica.

O contexto de declarativas com força exclamativa é o único que permite que o dativo ético faça referência ao interlocutor, ao invés do falante. O dado abaixo foi retirado de Bechara (2009, p. 350).

Contexto: duas amigas estão conversando sobre o ex-namorado de uma delas.

(21) A: Lembra daquele seu ex, o fulano?

B: Aquele embuste? Terminar com ele foi livramento.

A: Realmente. Ele sempre **te** saiu um grande mentiroso, né?

B: Infelizmente, sim. Mas já passou.

Nesse caso, a intenção do falante é relacionar o predicado *fulano é um grande mentiroso* com o interlocutor — nesse caso a ex-namorada que foi vítima das mentiras do fulano. O dativo ético funciona, então, como uma maneira de relacionar o interlocutor ao evento predicado — do mesmo modo que o dativo de 1ª pessoa relaciona o evento ao falante. Entretanto, o status de dativo ético dessa construção é contradito pela análise proposta na próxima seção.

Nesta seção, mostrei que o dativo ético é usado em algumas sentenças do PB de forma a transmitir (i) a relação de “afetação” ou “experiência” do participante falante do discurso com o evento descrito pelo verbo; e (ii) a ancoragem do enunciado no falante. Na próxima seção, exploro uma análise mais aprofundada dos dados apresentados acima, e proponho uma análise minimalista do licenciamento e da derivação do dativo ético.

3 Derivando e representando o dativo ético

A próxima subseção tem por objetivo explorar as propriedades do dativo ético.

3.1 O status do dativo ético e suas propriedades

O dativo ético encontrado nos dados mostrados acima apresenta as seguintes propriedades:

- (a) é um clítico de 1ª pessoa do discurso;
- (b) é interpretado como relacionado ao evento descrito pelo verbo;
- (c) ocorre geralmente em imperativas e exclamativas, nas quais o significado e a função pragmática estão intimamente ligados ao falante, em algum tipo de ancoragem;
- (d) tem afinidade com predicados cuja interpretação tem alguma familiaridade com o falante ou interlocutor (participante que é de alguma forma relacionado ao evento).

Com base nessas propriedades, pode-se assumir que o dativo ético é a manifestação da presença do falante ou interlocutor no enunciado, uma forma de exprimir seu papel (i) como fonte de obrigação (em uma imperativa), ou (ii) como participante do evento, seja como um “afetado” (beneficiário ou malefício de uma declarativa) ou “experenciador” (por exemplo, transmitir surpresa em uma exclamativa).

Como apresenta Bastos-Gee (2014, p. 7), no português brasileiro se encontram três tipos de dativos: o ético, o benefactivo, e o possessivo. A autora nota que o dativo ético apresenta proeminência fonética e um contorno prosódico característico. As características prosódicas do dativo ético fogem do escopo do presente trabalho e merecem atenção em uma pesquisa futura.

Rocha (2017, p. 115-121) observa as seguintes propriedades do dativo ético:

- (a) o dativo ético não pode ser substituído pelas expressões *para mim/para ti/de mim/de ti*, o que caracterizaria o dativo de interesse (que Bastos-Gee chama de benefactivo);
- (b) o dativo ético não pode ser substituído por um pronome possessivo tal como *meu/seu*, o que caracterizaria o dativo de posse;
- (c) o dativo ético pode ser apagado sem prejuízo para a interpretação da sentença.

Além disso, Jouitteau e Rezac (2008, p. 103) notam que o dativo ético é independente do sistema CP/Modo: eles podem ocorrer em orações encaixadas, finitas e infinitivas, interrogativas e imperativas. Veja os exemplos abaixo (retirados de Rocha (2017, p. 125).

- (22) Eu falei pra ela não **me** ficar grávida.
- (23) Eu só contei que ele **me** foi embora ontem.
- (24) Quem que vai **me** justicar esse crime?

Veja também exemplos de dativo ético no contexto de orações subjuntivas.

- (25) Será que ainda assim ele **me** iria embora?
- (26) Ela não **me** ficaria grávida, eu acho.

Como se vê nos exemplos acima, o dativo ético não parece ter restrições de finitude, tempo nem modo.

Considere agora os dativos que ocorrem nas imperativas, exclamativas, e declarativas, retomadas abaixo.

- (27) Não **me** fique grávida!
- (28) Como que o sasha **me** perde esse gol?!
- (29) Essa menina **me** dança tão bonitinho!
- (30) Tenho certeza de que você vai **me** ganhar esse torneio.

Os testes elencados acima podem ser aplicados a esses exemplos. Considere primeiramente a substituição do dativo pela expressão *pra mim*.

- (31) *Não fique grávida **para mim**!
- (32) *Como que o sasha perde esse gol **pra mim**?!

(33) #Essa menina dança tão bonitinho **pra mim!**

(34) #Tenho certeza de que você vai ganhar esse torneio **pra mim.**

Perceba que os exemplos (31)-(32) são claramente agramaticais, o que indica seu status de dativo ético, em oposição ao dativo de interesse. Já os exemplos (33)-(34) são gramaticais, mas o sentido da sentença muda levemente, com maior grau de afetação na variante com a expressão *pra mim*. Pelo menos um falante do dialeto mineirês indica que há diferença na interpretação do modo como, nas sentenças (33)-(34), em oposição às sentenças em (29)-(30), o falante se relaciona com o evento descrito pelo verbo. Em (29)-(30) o falante se encontra mais “distante” do evento, sendo afetado psicologicamente, enquanto em (33)-(34) o falante parece ser a própria motivação do argumento agente, respectivamente *você (o filho)* e *essa menina*, tendo uma relação mais direta com o argumento agente do que com o evento denotado. A interpretação seria, então, diferente: em (33)-(34) o falante está afetando o agente, enquanto em (29)-(30) o argumento dativo se sente afetado pelo evento.

Observe também a aplicação do teste do apagamento. Consoante Rocha (2017), o dativo ético pode ser apagado sem prejuízo para o significado da sentença.

(35) Não fique grávida!

(36) Como que o sasha perde esse gol?!

(37) Essa menina dança tão bonitinho!

(38) Tenho certeza de que você vai ganhar esse torneio.

Comparando-se os exemplos (35)-(38) com os exemplos em (27)-(30), não parece haver diferença semântica no evento denotado pelo verbo.⁵

Bastos-Gee (2014, p. 7) propõe a seguinte restrição quanto à pessoa do discurso: dativos éticos só podem se referir à primeira pessoa; os outros dativos podem se referir à segunda ou terceira pessoa. Essa restrição não é, no entanto, universal; a autora menciona, por exemplo, que, na literatura do espanhol e do hebraico, encontram-se elementos éticos que podem ser usados com referência a qualquer pessoa do discurso.

Baseando-se na análise de Menon (2006) e Paviani (2004), Rocha (2017) observa que o dativo ético pode sim se referir à segunda pessoa do discurso; fato que também é apresentado por Bechara (2009).

Entretanto, uma análise cuidadosa da sentença (iiiib) da introdução deste trabalho, repetida abaixo, de fato confirma a predição de Bastos-Gee (2014) de que o dativo que se refere à segunda pessoa é de fato um dativo de interesse/benefactivo/malefactivo.

(39) Ele sempre **te** saiu um grande mentiroso.

⁵Dois falantes de mineirês foram consultados sobre a interpretação dessas sentenças e ambos concordaram que não há diferença semântica na denotação do evento. Há, claramente, diferença pragmática, decorrente da inserção ou não do falante no enunciado.

Esse dativo pode ser substituído pela expressão *pra você*.

- (40) Ele sempre saiu um grande mentiroso **pra você**.

Além disso, esse dativo não pode ser apagado sem mudança de significado da sentença.

- (41) ?Ele sempre saiu um grande mentiroso.

(Observação: a sentença soa mais natural com a substituição do *te* pelo reflexivo *se*)

Isto exposto, assumo com Bastos-Gee (2014) que o dativo que ocorre no exemplo (iiiib) da introdução, repetido em (39), é, de fato, um dativo de interesse.

Sobre a natureza da relação semântica de “afetação”, entendo essa expressão como denotando uma experiência “psicológica” ou de “proximidade” entre o argumento dativo e o evento descrito pelo verbo. O argumento ético parece estabelecer uma relação semântico-pragmática de inserir o falante no evento, de aproximá-lo via contrariedade, surpresa, ou interesse.

O objetivo da próxima subseção é propor uma tentativa de representação da construção com dativo ético em um panorama minimalista.

3.2 Derivando o dativo ético

Dada a discussão acima, faz-se então a pergunta: como derivar e representar o dativo ético? De onde vêm a referência do clítico e a sua interpretação? Qual é a relação entre as propriedades morfossintáticas, semânticas e pragmáticas do dativo ético?

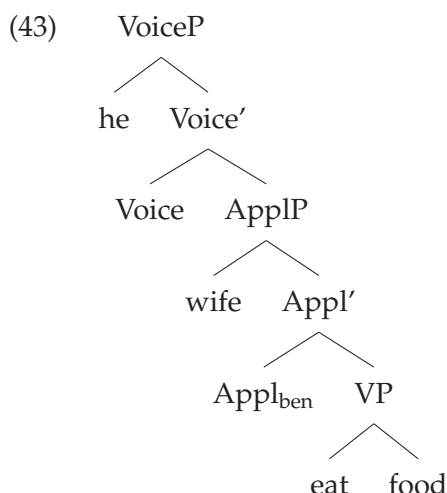
Chomsky (1995 e trabalhos subsequentes) propõe que o módulo gramatical de construção de pares de forma e significado é constituído de um nível computacional, que junta as “peças” sintáticas, e de duas interfaces de interpretação semântica e fonológica, respectivamente a Forma Lógica e a Forma Fonológica. Nessa proposta, o léxico compreende um inventário de raízes e traços interpretáveis e ininterpretáveis nas interfaces. Esse traços são selecionados na etapa de Numeração, e daí são juntados ao curso da derivação. A derivação dos pares de forma e significado que compreendem as sentenças de uma língua são construídos a partir de operações de concatenamento (MERGE) e operações de relações sintáticas (C-COMANDO e ESPECIFICADOR-NÚCLEO). A operação MERGE (que é uma operação binária) junta dois elementos em um elemento sintático complexo, que por sua vez pode ser juntado a outros elementos, de forma a derivar uma estrutura complexa e hierárquica. Já as operações de C-COMANDO e ESPECIFICADOR-NÚCLEO se estabelecem entre os elementos concatenados via MERGE de forma a valorar os traços ininterpretáveis — que devem ser apagados antes que a estrutura sintática seja enviada às interfaces. Nessa proposta, núcleos são feixes de traços que vêm do léxico e são manipulados na computação. Exemplos de núcleos sintáticos são V(erbo), D(eterminante), T(empo), e C(omplementizador). Kratzer (1996) propõe que o núcleo VOICE é responsável pelo licenciamento do argumento agentivo (argumento externo), enquanto Pylkkänen (2002) propõe a existência do núcleo Aplicativo, responsável pela introdução de argumentos dativos.

Rocha (2017) analisa o dativo ético sintática e semanticamente como um objeto aplicado alto, na terminologia de Pylkkänen (2002). Em termos semânticos, a autora (2002, p. 15)

define o aplicativo alto como uma “relação temática entre um argumento aplicado e o evento descrito pelo verbo”. A composicionalidade semântica do aplicativo alto se daria do seguinte modo: “o núcleo aplicativo alto se combina com o VP via Identificação do Evento e relaciona um indivíduo adicional ao evento descrito pelo verbo” (2002, p. 21). A definição formal proposta por Pykkänen (2002, p. 21) está representada abaixo.

- (42) APPL ALTO
 $\lambda x. \lambda e. \text{APPL}_{(e,x)}$
 (colapsando APPL_{BEN} , $\text{APPL}_{\text{INSTR}}$ etc.)

A estrutura do aplicativo alto pode ser representada pela configuração abaixo (retirada de Pykkänen, 2002).



Rocha (2017, p. 126-129) aplica os testes propostos por Pykkänen (2002) para diagnosticar o aplicativo alto. Os testes compreendem restrições de transitividade — possibilidade de se concatenar o aplicativo alto com verbos intransitivos e estativos, além de predicados descritivos secundários (teste esse que não se aplica ao PB). A conclusão da autora é que essa construção satisfaz os requerimentos para identificar o dativo ético como um aplicativo alto, tanto semântica como sintaticamente.

Desse modo, a interpretação do dativo ético na sentença *como que o sasha me perde esse gol* poderia ser derivada da seguinte forma:⁶

- (44) Como que o sasha me perde esse gol
 = *eu* (falante) me sinto afetado (surpreendido ou contrariado) pelo evento
o sasha perder esse gol
 = $\lambda x \lambda e. \text{perdeu}(e) \ \& \ \text{AGENTE}(e, \text{sasha}) \ \& \ \text{TEMA}(e, \text{gol}) \ \& \ \text{AFETADO}(e, \text{me})$

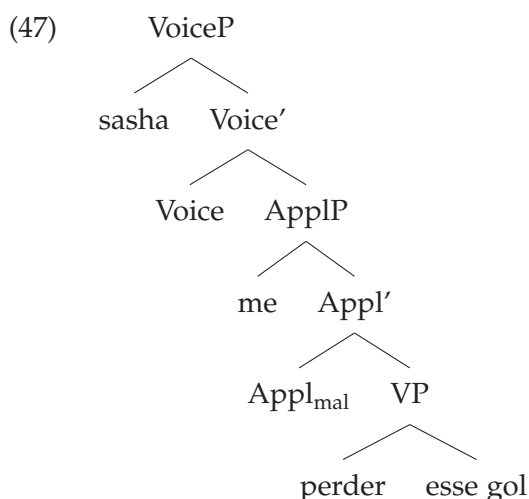
Do ponto de vista sintático, Rocha mostra que, de acordo com a previsão de Pykkänen de que o aplicativo alto toma o VP como seu complemento, o dativo ético sempre ocorre

⁶Como mencionado acima na discussão sobre a noção de afetação, é difícil encontrar um rótulo adequado para a relação estabelecida entre o participante do discurso ao qual o dativo ético se refere e o evento descrito pelo verbo. Nesse caso especificamente, como a função ilocutória da sentença é expressar surpresa e contrariedade, acredito que seja uma relação de “afetação psicológica”, ou “experienciador”. Em outros casos apresentados acima o dativo pode ser interpretado como “interessado” no evento. De qualquer forma, trata-se de uma experiência psicológica do falante em relação ao evento.

em posição proclítica, ao contrário de outros clíticos que parecem fazer parte da grade de subcategorização do verbo.⁷

- (45) a. João **me** deu o livro.
b. João deu-**me** o livro.
- (46) a. Como que o sasha **me** perde esse gol
b. *Como que o sasha perde-**me** esse gol

Rocha, seguindo Cuervo (2003), propõe que o clítico é a manifestação do próprio núcleo aplicativo⁸. Entretanto, Fábio B. Duarte (comunicação pessoal) argumenta que o dativo ético no PB não tem as mesmas propriedades que o dativo ético em espanhol, como descrito por Cuervo, e propõe que o clítico é um argumento concatenado em SPEC/APPLP, e que o núcleo aplicativo é fonologicamente nulo. Assumo esta proposta no presente trabalho. A seguinte representação sintática ilustra o mapeamento do dativo ético no PB.



Desse modo, o dativo ético seria concatenado na posição de SPEC/APPLP, via Identificação do Evento, estabelecendo uma relação semântica com o evento descrito pelo verbo.

Resta, então, conectar essa estrutura sintática e semântica com as características pragmáticas do dativo ético. Duas questões se impõem: (i) como garantir que a referência do clítico sempre seja o falante?; (ii) como estabelecer a relação entre os contextos em que o clítico aparece e sua interpretação?

A fim de capturar a referência do clítico — que é uma manifestação do falante em relação ao evento descrito pelo verbo — proponho uma adaptação do núcleo Jussivo

⁷Quanto ao exemplo (45b), observa-se que a ênclise não é natural no PB falado, ocorrendo mais comumente nas variedades formais e escritas. Mesmo assim, a sentença (45b) é aceita ao menos na escrita, enquanto (46b) não é aceitável em contexto algum (apesar de que se deve levar em conta a natureza informal e de familiaridade/proximidade, ou seja, informalidade do dativo ético). Um dos pareceristas argumenta que a ênclise não é aceita nem na escrita na maior parte das regiões do Brasil. Portanto, minha proposta de que o dativo ético é concatenado acima de VP se tornaria frágil. Mais testes são necessários para identificar a posição do dativo ético na sentença, que por ora fogem do escopo desse artigo.

⁸Como aponta um parecerista, o tratamento de Cuervo aos dativos se dá em contexto de redobro, e essa autora os associa a aplicativos baixos conforme descritos por Pylkkänen (2002). Vê-se, então, que Rocha (2017) fez uma análise equivocada da obra de Cuervo. A análise aqui resenhada se baseia na observação de Duarte (comunicação pessoal), que nada tem a ver com a ideia de Rocha (2017) nem de Cuervo (2003).

proposto por Zanuttini *et al.* (2012): um núcleo funcional que traz traços interpretáveis de pessoa. Chamarei este núcleo de Participante (PARTP). Este núcleo funcional toma APPLP como seu complemento e estabelece uma relação de concordância (AGREE) com o clítico em SPEC/APPLP. A definição formal do núcleo PART pode ser apresentada da seguinte forma:

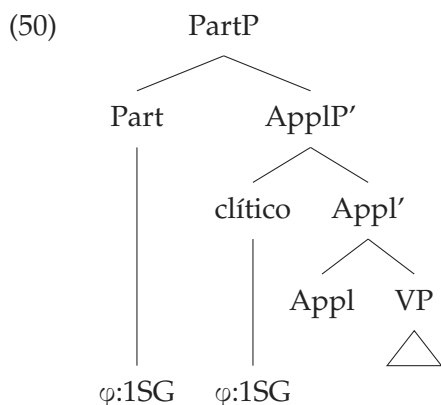
(48) PARTICIPANT HEAD

- a. É um operador abstrato λ ou um índice de ligação;
- b. Estabelece uma relação de concordância/ligação com o argumento com o qual concorda, i.e., objeto aplicado = dativo ético.

Zanuttini *et al.* (2012, p. 27) assume que “traços de pessoa interpretados (como outros traços-) introduzem pressuposições”. No caso de PART, a pressuposição desencadeada é:

- (49) $x = \text{participante do discurso}(c)$

Desse modo, é possível derivar a interpretação do clítico através de uma pressuposição semântico-pragmática desencadeada por um operador funcional através da concordância entre traços- φ . O núcleo PART estabelece uma relação com o objeto aplicado (i.e., o clítico — DP), introduzindo λx na representação semântica, de forma que o clítico é interpretado como sendo o participante.



A derivação formal desta operação pode ser definida como a seguir:

(51) Como que o sasha me perde esse gol

- I. Participante^o[pessoa: 1]_k [me_k[pessoa: 1] perder o gol]
- II. [[participante^o[pessoa: 1]_k [me_k[pessoa: 1] perder o gol]]^{g,c} =
- III. [$\lambda x : x = [[\text{pessoa: 1}]_k]]^{g,c} . [[\text{me}_k[\text{pessoa: 1}] \text{ perder o gol}]]^{g[k \rightarrow x],c}] =$
- IV. [$\lambda x : x = \text{falante}(c).[lw . x \text{ foi afetado por perder o gol em } w]$

O clítico é introduzido na derivação em SPEC/APPLP com traços- φ valorados [$\varphi:1SG$]. APPLP é concatenado então a PART^o, que possui traços- φ não valorados [$\varphi: _$]. A sonda- φ pode c-comandar o DP em SPEC/APPLP e estabelecer concordância, valorando o traço- φ da sonda como [$\varphi:1SG$]. Quando o traço- φ é valorado, o operador semântico de PART^o estabelece a relação referencial com o falante [$\varphi:1SG$], em uma operação de pressuposição.

A derivação da sentença *Como que o sasha me perde esse gol* pode ser representada como a seguir:

- (52) Como que o sasha me perde esse gol
 = [CP como que [TP o sasha me perde [VOICE [DP ~~o~~-sasha][PART [APPL [DP ~~me~~]
 [VP ~~perde~~- [DP esse gol]]]]]]]
 = $\lambda x \lambda e$.perde(e) & $\text{AGENTE}(e, \text{sasha})$ & $\text{TEMA}(e, \text{gol})$ & $\text{AFETADO}(e, \text{me})$

Desse modo, a resposta à pergunta (i) se dá nos termos da presença do núcleo Participante, que introduz a pressuposição de que o clítico é sempre um participante do discurso.

Por fim, quanto à pergunta (ii) a respeito do estabelecimento da relação entre os contextos em que o clítico aparece e sua interpretação, o licenciamento do dativo ético através da concha PARTP-APPLP parece estar relacionado a dois tipos de propriedades: (i) propriedades do evento (APPL°, v°), i.e., o tipo de evento que pode ser relacionado ao argumento extra; e (ii) propriedades discursivas (PART°), ou seja, o nível de “familiaridade” ou “afetação” do argumento em relação ao evento e ao contexto do discurso, e o tipo de ato ilocucionário que o enunciado expressa. Como foi discutido acima, o dativo ético não parece estar envolvido com o sistema C-TP (periferia esquerda), mas sim relacionado ao âmbito das projeções verbais, dada a sua relação com o evento e seus participantes. Desse modo, concluo que a projeção do núcleo Participante deve estar mapeada dentro da concha verbal (VOICEP-VP), e a relação entre os contextos e sua interpretação se dá na projeção da concha sintática que unifica a expressão semântica e pragmática do dativo ético.

4 Considerações finais

Nesse trabalho, observei dados de dativo ético no PB e as propriedades desse constituinte, isto é, seu caráter de clítico em posição pré-verbal que é interpretado como um participante do discurso e ocorre preferencialmente em contextos em que o participante do discurso está “investido” ou “afetado” de alguma forma com evento descrito pelo verbo.

Para dar conta desse fato, nos níveis morfosintático, semântico e pragmático, assumi que o dativo ético é um clítico licenciado por um núcleo funcional aplicativo alto, que relaciona o argumento ao evento sintática e semanticamente. O núcleo aplicativo é, por sua vez, concatenado a um núcleo funcional participante, que estabelece uma relação de concordância com o clítico e permite sua referência como participante do discurso, através de uma operação de pressuposição.

Desse modo, através da interação entre traços por meio de operações de concatenação (MERGE) e concordância (AGREE), concluo ser possível analisar o dativo ético dentro de um panorama minimalista.

Referências

- BASTOS-GEE, A. C. *The structure of ethical constructions and the constraint on co-reference in Brazilian Portuguese*. Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, Braga, 2014.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2009.
- CHOMSKY, N. *The minimalist program*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1995.
- CUERVO, C. *Datives at large*. Tese (Doutorado) – MIT, Cambridge, MS, 2003.
- CUNHA, K. Z. *Sentenças exclamativas em português brasileiro: padrão entoacional e sintaxe*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.
- HAN, C.-H. *The structure and interpretation of imperatives: mood and force in universal grammar*. Hove, Sussex: Psychology Press, 2000.
- JOUITTEAU, M.; REZAC, M. The French ethical dative, 13 syntactic tests. *Bucharest Working Papers in Linguistics*, v. 9, p. 97-108, 2008.
- MENON, O. P. da S. E não me fique grávida! Ou o caso do dativo ético. In: GORSKI, E. M.; COELHO, I. L. (org.). *Sociolinguística e ensino: contribuições para a formação do professor de língua*. Florianópolis: EdUFSC, 2006. p. 155-173.
- PAVIANI, N. M. S. *O pronome ético: uma característica dialetal*. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.
- PYLKKÄNEN, L. *Introducing arguments*. Tese (Doutorado) – MIT, Cambridge, Massachusetts, 2002.
- RIVERO, M.-L. Negation, Imperatives and Wackernagel effects. *Rivista di Linguistica*, v. 6, n. 1, p. 39-66, 1994.
- ROCHA, B. G. *Applicatives in Dialectal Brazilian Portuguese*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.
- ZANUTTINI, R.; PAK, M.; PORTNER, P. A syntactic analysis of interpretive restrictions on imperative, promissive, and exhortative subjects. *Natural Language & Linguistic Theory*, v. 30, n 4, p. 1231-74. 2012.
- ZANUTTINI, R.; PORTNER, P. Exclamative clauses: At the syntax-semantics interface. *Language*, p. 39-81, 2003.

AUTORIA**Bárbara Guimarães Rocha (UFMG)**

Conceitualização; Análise Formal; Escrita — Esboço Original; Escrita — Revisão e Edição

Conforme papéis CRediT especificados em:

https://contributorshipcollaboration.github.io/projects/translation/translations/pt_latn/**DADOS DA PUBLICAÇÃO**

Seção: Artigos

Recebido em: 28/1/2025

Aceito em: 6/8/2025

Publicado em: 13/10/2025

COMO CITARROCHA, Bárbara Guimarães. Propriedades pragmáticas do dativo ético no português brasileiro: uma análise minimalista. **Caderno de *Squibs***: Temas em estudos formais da linguagem, v. 10, n. 2, p. 75-90, 2024.**SOBRE A REVISTA**Submissões: <https://periodicos.unb.br/index.php/cs>*Open Access*Sob licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License*